

A COLEÇÃO DE PINTURAS DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA: HISTÓRIA, PROVENIÊNCIA E DISPERSÃO*

MICHELA DEGORTES

*Doutorada / Investigadora integrada / IHA - FSCH Universidade Nova de Lisboa, Portugal,
mdegortes@fcsh.unl.pt*

GIUSEPPINA RAGGI

*Doutorada / Investigadora associada / CES - UC Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra,
Portugal,
giuseppinaraggi@ces.uc.pt*

Resumo

A Academia das Ciências de Lisboa possui uma interessante galeria de pinturas, constituída maioritariamente por retratos. O núcleo originário desta galeria provém das coleções científicas, artísticas e livrarias reunidas pelo franciscano José Mayne (1723-1792). A partir da análise dos inventários e dos catálogos do século XIX, o texto reconstrói a composição e a riqueza das pinturas antigamente reunidas, que atestam o interesse de Mayne para os fenómenos naturais. Dedicada depois um enfoque sobre a sua dispersão determinada pelo leilão da “Galeria de Padre Mayne”, decorrido em Lisboa entre 1864 e 1865, e sobre a recente circulação no mercado de arte de obras que pertenceram à coleção de Mayne.

Palavras-Chave

Coleção do padre José Mayne; Academia das Ciências de Lisboa; mercado de arte; pensamento científico nos séculos XVIII e XIX em Portugal; arte e ciência.

Abstract

The Lisbon Academy of Sciences has an interesting gallery of portrait painting, originally collected by the Franciscan José Mayne (1723-1792). Based on the analysis of 19th-century inventories and catalogues, this article reconstructs the composition and richness of the paintings once collected, which highlight Mayne's interest in natural phenomena. It then focuses on their dispersal through the auction of the "Father Mayne Gallery" held in Lisbon between 1864 and 1865 and finally considers the recent circulation on the art market of artworks from Mayne's collection of paintings.

Keywords

José Mayne's collection; Lisbon Academy of Sciences; art market; scientific thought in 18th and 19th century in Portugal; art and science.

A COLEÇÃO DE JOSÉ MAYNE E O INVENTÁRIO DE 1834

A Academia das Ciências de Lisboa, fundada em 1779 sob o patrocínio da rainha D. Maria I (1734-1816), possui uma interessante galeria de pinturas, constituída maioritariamente por retratos. Esta pinacoteca tem origem na coleção formada pelo padre franciscano José Mayne (1723-1792) a partir dos anos Sessenta do século XVIII¹ e transferida por legado testamentário para a Real Academia das Ciências de Lisboa. O primeiro inventário conhecido da galeria de padre Mayne foi redigido em 1834, quando a sede da Academia das Ciências de Lisboa foi transferida para o Convento de Jesus². Graças à abolição das ordens religiosas a academia pôde, de facto, reivindicar o património herdado do Mayne, que havia sido mantido no mesmo edifício desde o ano de sua morte. Essa pinacoteca constitui um interessante ponto de partida para refletir sobre as dinâmicas artísticas, científicas e culturais em curso em Portugal entre o final do Antigo Regime e o século XIX.

José Mayne foi uma figura influente e dinâmica no contexto cultural da época. Eleito em 1780 Ministro da Terceira Ordem Regular de São Francisco, foi confessor do rei consorte Pedro III e deputado da Real Mesa Censória. Nascido numa família abastada, teve a oportunidade de investir os seus bens na compra de cerca de trinta mil volumes que constituíam a sua biblioteca, na criação de um gabinete de curiosidades científicas e na formação de uma coleção de obras de arte composta principalmente por pinturas. Esse património, que Mayne adquiriu com o propósito explícito de enriquecer o convento franciscano de Jesus em Lisboa, refletia os seus múltiplos interesses, entre os quais se destacavam as ciências naturais. De facto, Mayne comprou também “objetos raros de História Natural” destinados às aulas de História Teológica Natural que foram ministradas a partir de 1792 na sede do convento de Jesus, sob a direção didática de professores da Academia das Ciências. O curso, embora voltado para a demonstração da existência de Deus através da observação da natureza como criação divina, revela as razões do interesse

do frei Mayne pelas ciências, fundamentado nos princípios de um Iluminismo de matriz católica bem aceite em Portugal³.

A existência de numerosos gabinetes de curiosidades e jardins botânicos privados em Lisboa nos últimos decênios do século XVIII atesta um crescente interesse da elite intelectual no campo científico e naturalista, favorecido também pelas expedições nos territórios coloniais pertencentes ao império português. A implementação do Jardim Botânico e do Museu de História Natural da Ajuda, em Lisboa, confiados à direção do botânico italiano Domenico Vandelli de 1768 a 1810⁴, reflete uma vontade política nesse mesmo sentido. Nesse panorama, insere-se o gabinete de curiosidades científicas de José Mayne. Este é descrito em alguns relatos de viagem, nos quais também é mencionada a existência da pinacoteca. Por exemplo, em 1782, Francisco Perez-Bayer, diretor da Real Biblioteca de Madrid, criticou o gabinete ficando, porém, favoravelmente impressionado com alguns quadros da pinacoteca⁵. Esta última foi descrita de maneira mais detalhada em 1816 no *Jornal das Bellas Artes ou Mnemosine Lusitana*:

“[...] o gabinete de Pinturas compõe-se de mais de quatrocentos quadros, entre os quais algumas paisagens de Pillement, retratos de Batoni, Fogos de Diogo Pereira e várias cópias de objetos naturaes de Joaquim Manoel da Rocha, e muitos Desenhos deste, e de Francisco Vieira Lusitano, despertam a atenção dos curiosos: porém a pintura que mais enobrece pela sua posse, este convento he o grande quadro do Senhor Ressuscitado original de Rubens que esta no Coro. Na Casa dos Geraes há um retrato da Senhora Rainha D. Marianna, da composição de Francisco Vieira Lusitano”⁶.

Esta descrição reflete o interesse dos cultores das Belas-Artes (entre os quais se incluía Alexandre Cravoé, diretor e fundador da revista) por uma pinacoteca que mostrava obras de artistas como Pompeo Batoni, Jean-Baptiste Pillement e Francisco Vieira Lusitano, particularmente célebres em Portugal, e até mesmo uma atribuição a Rubens. A presença de numerosas obras de Joaquim Manuel da Rocha deve-se, por outro lado, à relação privilegiada deste pintor com José Mayne, que foi prova-

velmente o seu mecenas mais generoso. Graças à proteção do franciscano, Rocha foi muito ativo no convento de Jesus, onde executou uma série de retratos, incluindo o do próprio Mayne⁷, que ainda se conservam no mesmo edifício (fig. 1, pág. 165).

Uma descrição mais detalhada da galeria de pinturas foi redigida em 1834. Como já afirmado, este inventário faz parte da documentação⁸ relativa à aquisição, por parte da Academia das Ciências, da biblioteca, do gabinete de curiosidades científicas e antiquárias, e da pinacoteca, de acordo com as vontades testamentárias de Mayne. Por isso, provavelmente constitui o documento que mais corresponde à coleção original do franciscano. Este contém uma descrição⁹ das pinturas e das respetivas molduras, acompanhada da atribuição do autor no caso de artistas tradicionalmente considerados mais relevantes (Pillement, Rocha, Vieira Lusitano). De modo geral, as descrições são bastante detalhadas e revelam que a coleção incluía também desenhos e gravuras:

“Na parede que tem a porta de entrada [...] dezoito painéis que contem diversos paizes, entre grandes e pequenos, de feitio quadrado, com molduras pretas e douradas, e com vidros, que constão de diferentes paizes, e que dizem ser do author Pilman [...]

Na ombreira da primeira janella, à direita: quatro painéis hum que representa huma não incendiada; outro que representa uma noite de lua; outro que representa huma pescaria no mar, e ao longe huma alta serra com diferentes explosões de fogo [...]”¹⁰.

A organização do elenco não segue critérios taxonómicos, mas sim a sequência da localização das obras nas paredes das duas salas do convento onde estavam expostas.

A CAZA DAS PINTURAS

Uma parte relevante deste inventário é a *Descrição dos Livros de estampas, cadernos de desenho, esboços, e debuchos, e mais Livros existentes na Caza das Pinturas*¹¹, que atesta a intensa atividade de produção pictórica implementada no convento de Jesus por vontade de Mayne. A transcrição dos objetos ainda existentes nesta sala em 1834 é reveladora:

- “Três livros encadernados, que constão de estampas de diferentes Biblias.
- Hum livro com encadernação doirada, intitulado *Chronologia dos Patriarchas*
- Hum livro encadernado, que consta de anatomia
- Hum livro encadernado, que tem por título – *Arte da Pintura*.
- Oito Livros de diferentes tamanhos, q tratão de diferentes artigos
- Vinte e sete livros e cadernos de estampas, debuchos, desenhos, e esboços feitos a lápis do author Joaquim, Manoel da Rocha
- Hum livro de estampas finas de boril que são os verdadeiros retratos de alguns Reis, e pessoas Reaes e contem mais outras estampas de outros authores
- Hum livro, que contem quarenta e um desenhos e esboços feitos à penna pelo author Faria
- Hum livro com cincoenta e três desenhos do autor Francisco Vieira
- Dois cadernos de capa de pergaminho com esboços
- Tres livros grandes, que todos constam de grandes estampas
- Quarenta e sete livros grandes e pequenos, que todos constão de estampas de diferentes qualidades
- Oito pastas grandes e pequenas.

Estampas avulsas

- Cincoenta e três estampas avulsas grandes, umas muito maiores que outras postas em cima de papelão grosso
- Cincoenta e uma estampas avulsas grandes e pequenas, em papel

Mappas

- Quinze mapas de diferentes Reinos, grande e pequenos

Descrição de toda a mobília e utensílios da Caza das Pinturas

Huma meza grande com estantes por baixo, com suas redes de arame, onde estão guardados os Livros; e com gavetas em cima onde estão guardadas as Estampas avulsas: e que tem em cima uma pequena machina com registo de relógio que faz mover todas as figuras que a mesma machina tem, porem está desconsertada.

Huma mesa antiga de pau santo, com pés torneados e três gavetas

Huma Camera optica, com muitos mapas de diferentes vistas”¹²

Do ponto de vista histórico-artístico, essas informações são extremamente relevantes porque permitem confirmar a existência da oficina de pintura no convento franciscano, promovida por Mayne e ainda ativa em 1834¹³, questão até agora negligenciada pela literatura. Este elenco é revelador também da riqueza dos materiais à disposição dos pintores e dos alunos. Além de livros de gravuras, ilustrações anatômicas, álbuns de desenhos e esboços, importa destacar os vinte e sete álbuns de esboços e desenhos de Joaquim Manuel da Rocha, o livro com quarenta e um desenhos e esboços do calígrafo Cavaleiro Faria¹⁴, e o álbum com cinquenta e três desenhos do pintor Francisco Vieira Lusitano.

Tendo em conta o alto número de álbuns de Manuel da Rocha presentes na casa da pintura, a sua atividade de retratista dos franciscanos do convento, os muitos quadros de sua autoria na pinacoteca do Mayne, é possível afirmar que este dirigiu a Caza das Pinturas como mestre e primeiro pintor, formando alunos e assistentes. De facto, Rocha era particularmente ativo no campo da didática artística, ensinando nas diversas “aulas” de pintura que ocorriam em Lisboa no final do século XVIII. Quase certamente, foi nesta oficina que Rocha, em colaboração com o filho Leonardo, se especializou no gênero de naturezas-mortas¹⁵, realizando aquelas, numerosas, que lhe foram encomendadas por padre Mayne. A predileção para este gênero de pintura é testemunhada pelo manuscrito *Catálogo dos quadros que formam a galeria de pinturas da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, redigido em 1854¹⁶.

O CATÁLOGO DE 1854

Ao contrário do inventário de 1834, este documento segue critérios precisos, no sentido de avaliar a coleção do ponto de vista artístico. A lista contém as seguintes informações por cada obra: “Numero (de inventário), Sala, Descrição dos Quadros, Author, Grau de Merecimento, Qualidade e Dimensão das molduras” por sua vez dividida em “Qualidade, Altura, Largura em Palmos”. As molduras são descritas detalhadamente, incluindo o material, a cor e a forma, enquanto o “grau de merecimento” não se encontra preenchido. A título exemplificativo, a primeira pintura é descrita desta forma:

“260. 1.ª. Quadro a óleo sobre pano, representando um cão, lebre e pássaros. Dourada. 4x5”

As pinturas são agrupadas nas seguintes categorias temáticas, assinando a respetiva quantidade:

“Animais: 7; Arvoredo: 4; Aves: 23; Figura: 50; Flores: 9; Frutos: 19; História: 145; Hortaliças: 5; Incêndios: 13; Mariscos: 12; Vistas marítimas: 33; Paisagens: 35; Peixes: 7;

Ruínas: 2; Diversos Objetos: 12 – Total: 376”.

Desta partição, salta à vista a preponderância de tipologias que refletem os interesses científicos e naturalistas de Mayne: de um total de 376 quadros, 179 representam naturezas-mortas, paisagens, marinhas e incêndios. Destacam-se entre eles 18 quadros a óleo e pastel de Jean-Baptiste Pillement, cujas marinhas, paisagens e naturezas-mortas eram particularmente procuradas para adornar os gabinetes de curiosidades de Lisboa – como também lembra Machado¹⁷. Isto demonstra, entre outras coisas, que Mayne se mantinha atualizado sobre as tendências de gosto e o mercado de arte local. Os quadros restantes, distribuídos entre as categorias de “História” e “Figura”, incluem representações de santos, cenas religiosas e mitológicas, e retratos. Na categoria de História encontram-se reunidos diferentes géneros, que não pertencem à definição ca-

nónica de “pintura de história”, pois inclui diversos retratos. Por exemplo, estão incluídos os que seguem:

“86. 1.º Quadro a óleo sobre pano. Juízo de Salomão sobre o reconhecimento da verdadeira mão dum menino. Cópia de Rubens.

61. 1.ª. Quadro a Lápis encarnado sobre papel (com vidro). Retrato do Pintor Joaquim Manuel da Rocha. Pintada a preto com fio de ouro, 1 1/3 x 1 1/3

336. 2.ª. Quadro a óleo sobre pano. Retrato de um Preto Malhado. Joaquim Leonardo da Rocha. Moldura Dourada. Medidas, 6 1/2 x 5”.

No que diz respeito a este último retrato, trata-se do “Retrato de Ciriaco” atualmente conservado nas reservas do Museu de História Natural e da Ciência (MUHNAC) de Lisboa, em cuja moldura ainda se lê o número de inventário 336¹⁸. Importa salientar que este quadro não pertence à coleção originária de Mayne, mas foi transferido na Academia das Ciências junto com outras 21 pinturas procedentes do Jardim Botânico e Museu da Ajuda, em 1836¹⁹. Em 1858, este mesmo grupo de quadros foi destinado ao recém-fundado Museu da Escola Politécnica, tendo sido entregues àquela instituição em 1864.

A circulação e transferência de pinturas provenientes de diversas coleções, incluindo a passagem dos quadros da Academia das Ciências para o Museu da Escola Politécnica, devem ser contextualizadas no processo de musealização a decorrer em Portugal na segunda metade do século XIX, com o objetivo de fundar o primeiro núcleo de museus públicos. Neste contexto, insere-se também a venda da coleção Mayne. O processo está documentado nos atos da Assembleia Geral da Academia das Ciências de 10 de maio de 1864²⁰, onde se comunica *tout court* a decisão de conservar na instituição “somente os retratos dos mais célebres escritores portugueses, dos membros da família real e dos membros da Academia das Ciências”²¹. Além dos já mencionados 22 quadros em origem pertencentes ao Jardim Botânico da Ajuda, a venda dos demais quadros da galeria, que na época contava com 529 pinturas²², foi justificada pela necessidade de recuperar espaço na sede da Academia para acolher o Museu Geológico. Decidiu-se, portanto, de organizar um leilão público.

Nesta circunstância procedeu-se à avaliação da coleção, encarregando para o efeito uma comissão de especialistas composta por professores da Academia de Belas-Artes de Lisboa – a saber: Thomas José de Anunciação, Joaquim Cristino da Silva e Victor Bastos²³. A comissão selecionou e adquiriu 47 pinturas consideradas de relevante valor artístico²⁴, destinadas a integrar a coleção *in fieri* da Galeria da Academia de Belas-Artes²⁵. Entre os quadros selecionados, havia várias naturezas mortas de Joaquim Manuel da Rocha, todas as pinturas de passagens e as marinhas de Pillement, dois retratos dos marqueses de Louriçal atribuídos a Pompeo Batoni, três incêndios de Manuel Nunes e uma Virgem com Menino atribuída a Morales (fig. 2, pág. 166). Este núcleo de pinturas passou sucessivamente para as coleções do Museu Nacional de Arte Antiga, aquando da sua fundação.

A Academia das Ciências de Lisboa guardou apenas 32 retratos de membros da família real e de académicos, ainda hoje conservados na mesma instituição. Entre estes se encontram os retratos da família real elencados no catálogo de 1854:

“N.º 347 [...] Retrato da Princesa Francisca Benedita [...] N.º 343: Retrato do Príncipe D. José [...] N.º 346 Retrato da Rainha D. Carlota [...] N.º 345 Retrato da Rainha Maria I [...] N.º 344 Retrato do Rei D. João VI [...]”

Uma fotografia de finais de século XIX mostra a disposição destes quadros reunidos numa das salas da Academia: são visíveis os retratos dos príncipes Carlota Joaquina e D. João, de autoria de Giuseppe Trono, junto aos retratos da princesa Francisca Benedita, de D. Pedro III, de D. Pedro IV, e ao retrato do abade José Correia da Serra, ilustre membro e promotor da Academia, de autoria de Domenico Pellegrini (Fig. 3, pág. 166).

O CATÁLOGO DO LEILÃO DE 1864: DISPERSÃO E CIRCULAÇÃO

O leilão da pinacoteca de José Mayne decorreu em Lisboa entre novembro de 1864 e março de 1865 na sede da Academia das Ciências. No catálogo impresso²⁶ são elencados 429 quadros dos quais, de acordo com o relatório redigido em agosto de 1867, venderam-se 422²⁷. Duma primeira análise, é possível afirmar que muitas pinturas de marinhas, incêndios, moinhos, naturezas mortas e paisagens “de campo e arvoredo” ou de “fortaleza e mar” de Joaquim Manuel da Rocha, já identificados nos catálogos de 1834 e 1854, foram vendidos neste leilão. A considerável quantidade deste tipo de representações é reveladora da intensa atividade de Rocha (e quase certamente do seu filho Leonardo) neste género de pintura. Ao mesmo tempo, reflete a existência de um nicho específico do mercado da arte, ligado ao gosto e aos interesses de cariz científico e naturalista da elite intelectual portuguesa em finais de Setecentos.

Muitos quadros atribuídos a Manuel da Rocha têm aparecido com uma certa regularidade no mercado de arte português. É o caso, por exemplo, de uma natureza morta que representa melões e marmelos num cesto, ou de outra com um incêndio de palhota junto ao mar vendidos respetivamente em 2020 pela leiloeira Veritas e em 2018 pela Cabral Moncada Leilões, em Lisboa²⁸ (fig. 4, pág. 166). Seria obviamente arriscado afirmar que estas telas correspondam, por exemplo, aos “melões e marmelos” (n.º 107) ou a um dos numerosos quadros de incêndios presentes no catálogo. No entanto, a tela denominada “Incendio de um navio” (n. 146) poderá muito provavelmente corresponder ao “Incêndio da Fragata Graça Divina São João Baptista”, assinalada também no inventário de 1834, como já vimos. De acordo com Nuno Saldanha, se conhecem duas cópias desta pintura: uma conservada na Fundação Ricardo Espírito Santo e outra vendida pela Sotheby’s em 2005²⁹. Em 2017, a leiloeira Cabral Moncada vendeu outra replica da mesma pintura³⁰ (fig. 5, pág. 167). Interessante é também o caso da “Vista do Monte Vesúvio” (n.º 135) mencionada no catálogo impresso, que poderá ser identificada

com a tela hoje a guarda do Museu Nacional de Arte Antiga³¹. Mais uma vez, a existência deste quadro reflete o crescente interesse para os fenômenos naturais, incrementado pela circulação de pinturas que os reproduziam, entre as quais as imagens das sugestivas erupções do Vesúvio abundavam, encontrando um amplo mercado de compradores entre Setecentos e Oitocentos (fig. 6, pág. 167). Uma destas representações terá chegado ao alcance de Joaquim Manuel da Rocha, dando origem á obras do mesmo sujeito. De acordo com a ficha do inventário, a sua “Vista do Vesúvio” terá “feito parte da coleção do Padre Mayne” antes de integrar a coleção particular de “D. Palmira Avelino”³², acabando por ingressar no acervo do MNAA. Face à dispersão da coleção Mayne da Academia das Ciências, é preciso ter em consideração a sua circulação no mercado de arte ao longo dos séculos XIX e XX e a possibilidade de redescobrir a proveniência originária de obras desta coleção que, atualmente, podem pertencer a museus públicos, em Portugal e no estrangeiro.

ICONOGRAFIA



Fig. 1

Retrato de Frei José Mayne, ca. 1770,
Joaquim Manuel da Rocha (1727-1787);
óleo sobre tela;
Academia das Ciências de Lisboa
© Wikimedia commons

Ministério do Interior
 Direcção Geral do Instituto publico

Doc. 5^o

Nos abaixo assignados, por elições do Conselho Administrativo da Academia Real das Sciencias de Lisboa procedemos á avaliação dos seguintes quadros pertencentes á galeria de S. João Mayne

N.ºs de Catalogo	Descrição	Autôr	Valor
1	Batella romana	?	68750
36	Retrato de um menino	?	28000
402	Imagem de Torquemada	Vanica	28250
403	Flores	?	188000 640
404	Paisagem		138500 642
405	"		138500 643
406	Um porco	?	28250
407	Trabalho num celeiro	?	138500 644
408	Retrato de Marquez de S. Carlos P. Km. vique de Marussia		368000 651
409	Retrato de Marquez de S. Carlos		368000 652
411	Vista de campo	Blomat	48500 652
412	Uma pousada em galles	Bocha	28250
413	Retrato de um marroquino		258000 653
414	Incendio em uma casa	Bocha	48500 644
415	Retrato de um marroquino		258000 654
416	Incendio de um palacio	Bocha	48500 645
417	Vista de campo	Blomat	48500 654
418	" " "	"	68850 655
419	" " " (paul)	"	288000 ?
420	" " " (pilha de flandres)	"	288000 656
421	" de porto maritimo (")	"	138500 648
422	" " campo (")	"	278000 657
423	Peixes		48500 648

ANT - ex. A. P. Doc. 5

Fig. 2
 Primeira página da lista dos quadros adquiridos para a Academia de Belas Artes de Lisboa. Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT), Arquivo José Figueredo (AJF), cx. 1.



Fig. 3 - Fotografia de uma sala da Academia das Ciências de Lisboa, ca. 1855, Augusto Bobone; Arquivo Municipal de Lisboa, PT/AMLSB/ORI/000792



Fig. 4 - Natureza morta de marmelos, peras e melões, ca.1770, atr. Joaquim Manuel da Rocha (1727-1787); óleo sobre tela, coleção particular © Wikimedia commons



Fig. 5 – Incêndio da Fragata Graça Divina São João Baptista (1771), atr. Joaquim Manuel da Rocha (1727-1787); óleo sobre tela, coleção particular
© Wikimedia commons



Fig.6 – Erupção do Vesúvio em 12 de janeiro de 1774, Jacob Philipp Hackert (1737-1807); óleo sobre tela; Hessen Kassel Heritage
©Wikimedia commons

NOTAS

^{*} Agradecemos pelo apoio recebido o Presidente da Academia das Ciências de Lisboa, professor doutor José Luís Cardoso; a Bibliotecária da Academia das Ciências de Lisboa, doutora Susana Marques.

¹ BRIGOLA, João Carlos - *Coleções, gabinetes e museus em Portugal no século XVIII*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2003, p. 418.

² A Academia das Ciências teve cinco moradas diferentes antes de ser transferida para a sua sede definitiva no Convento do Jesus. A saber: rua do Poço dos Negros, o palácio Condes Castro Marin, o palácio Condes Sobral, o convento da Estrelinha e o palácio de Lumiares. AMARAL, Ilídio de - *Nó-tulas históricas sobre os primeiros tempos da Academia das Ciências de Lisboa*, Edições Colibri, Lisboa, 2012, p. 62.

³ BRIGOLA, João Carlos - *Coleções, gabinetes...* pp. 414-422.

⁴ *Ibidem*, p. 233.

⁵ PEREZ -BAYER, Francisco - *Diario das primeras viagens que fez em terras de Portugal*, 1782. Sobre o assunto veja-se BRIGOLA, João Carlos - *Os viajantes e o livro dos museus: as coleções portuguesas através do olhar dos viajantes estrangeiros*, Dafne, Lisboa, 2010.

⁶ *Jornal das Bellas Artes ou Mnemosine Lusitana*, n.º XXII, 1816, pp. 360-361, Transcrito em BRIGOLA, João Carlos - *Coleções, gabinetes...* p. 416.

⁷ Como confirmam as fontes. José da Cunha Taborda e Cirilo Volkmar Machado atribuem à Manuel da Rocha os retratos de Mayne e dos padres franciscanos ainda hoje conservados na Academia das Ciências. “No Museu Maynense guarda-se uma coleção de quadros de Joaquim Manuel da Rocha”. TABORDA, José da Cunha - *Regras da arte da pintura*, Lisboa, 1815, p. 236. Machado afirma que Rocha pintou “o retrato de Maine e outros cinco seus sucessores e bispos”. MACHADO, Cirylo Volkmar - *Colleção de memórias, relativas às vidas dos pintores, e escultores, architetos, e gravadores portugueses, e dos estrangeiros, que estiverão em Portugal*, Imprensa Vitorino Rodrigues da Silva, Lisboa, 1823, p. 118.

- ⁸ *Certidão do Auto do Posse da Livraria, Muzeu, Medalhas, e Pinturas do extinto Convento de Jesus dada á Academia Real das Sciencias de Lisboa pelo Provedor do quinto Districto de Lisboa em execução de Ordens Regias*. O documento é datado 19 de novembro de 1834.
- ⁹ *Relação das Pinturas existentes em a respectiva Galleria do extinto Convento de Jesus, extraídas dos Atos de Inventario que das mesmas se fez no presente anno de 1834*. O inventário da pinacoteca é transcrito integralmente em NEVES, Álvaro - *Notícia dos quadros e esculturas existentes na Academia das Ciências de Lisboa em 1834 e 1917*, Imprensa da Universidade de Coimbra, Coimbra, 1918, pp.16-44.
- ¹⁰ *Ibidem*, p. 17.
- ¹¹ *Ibidem*, p. 45. *Descrição dos Livros de estampas, cadernos de desenho, esboços, e debuchos, o mais Livros existentes da Caza das Pinturas*.
- ¹² Resumindo, a lista consta de: 27 livros e cadernos de esboços de autoria do Rocha, 1 livro com 41 desenhos do Cavaleiro Faria, 1 livro com 53 desenhos de Francisco Vieira Lusitano, 2 cadernos de esboços, 3 livros de grande formato, provavelmente de gravuras, 47 livros de estampas, 8 pastas. Das análises e dos estudos que efetuamos até agora, verificamos que atualmente permanecem no acervo da Biblioteca e Arquivo da Academia das Ciências de Lisboa o álbum de Vieira Lusitano (Des. 65-1) e um álbum que contém, entre outros, vários desenhos atribuíveis ao Rocha (Des. 64-1). Este álbum está a ser objeto de um estudo aprofundado por nossa parte, e de um contributo atualmente no prelo. A descoberta deste precioso conjunto de desenhos deve-se à diretora da Biblioteca, a doutora Susana Marquês, que agradecemos pela partilha e pela preciosa ajuda disponibilizada.
- ¹³ O *Regulamento do Museu da Academia das Ciências* de 1839 elenca os funcionários daquela instituição e as suas tarefas. Entre estes, existe a figura do Desenhador: “Compete ao Desenhador desenhar todos os objetos Zoológicos, mineralógicos, d’antiguidades, d’artefactos e ornatos segundo lhe for ordenado. Cuidar na conservação e aceio das Pinturas da Academia. Ensinar o Praticante”. *Regulamento do Museu da Academia Real Das Sciencias de Lisboa. Lisboa; Typografia da mesma Academia*, 1839, p. 9.
- ¹⁴ A exposição *Cavaleiro Faria. Um desenhador português do século XVIII*, organizada por Alexandra Markl e Celina Bastos no MNAA entre abril e junho de 2023, deu a conhecer cerca de quarenta desenhos do *Eques Faria*, pseudónimo de Inocêncio de Faria e Aguiar (1709-1792), cuja identidade foi desvendada pelas curadoras do projeto. Parte dos desenhos exibidos nessa ocasião poderão corresponder, eventualmente, ao “livro de quarenta e hum desenhos e esboços feitos à penna pelo Author Faria” mencionados no inventário da Caza das Pinturas.
- ¹⁵ MACHADO, Cirylo Volkmar – *Collecção de memórias...*, p. 118.
- ¹⁶ Biblioteca da Academia das Ciências (BACL), Azul 1063. *Catálogo dos quadros que formam a Galeria de Pinturas da Academia Real das Sciencias de Lisboa. 1854* (manuscrito)
- ¹⁷ MACHADO, Cirylo Volkmar – *Collecção de memórias...* pp. 211 e ss.
- ¹⁸ Sobre esta pintura esta no prelo o nosso ensaio *The Portrait of Ciriaco. Art and Science in Eighteenth century Portugal*.
- ¹⁹ Per decreto del 27 Agosto 1836. Vide BRIGOLA, Carlo – *Coleções, gabinetes...* p. 247.
- ²⁰ BACL, Relatório de 10 de Maio de 1864. Livro da Secretaria 32B.
- ²¹ *Ibidem*.
- ²² *Ibidem*.
- ²³ Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT), Arquivo José Figueiredo (AJF), cx. 1. *Nós abaixo assignados, por eleição do Conselho Administrativo da Academia Real das Sciencias de Lisboa procedemos à avaliação dos seguintes quadros pertencentes à galeria do Padre Jozé Mayne*.
- ²⁴ ANTT, AJF, cx. 4, *Quadros adquiridos na Academia das Sciencias e que pertenceram ao padre José Mayne* (1866); doc. 12: *Quadros cedidos ao Museu Nacional de Bellas Artes pela Academia Real das Ciências* (1867)
- ²⁵ Sobre a campanha de aquisições destinadas à formação da galeria de pintura da Academia de Belas Artes veja-se XAVIER, Hugo – D. Fernando II e o enriquecimento do acervo da Academia de Belas Artes de Lisboa in NETO, M.J., MALTA, M. (eds), *Coleções de arte em Portugal e Brasil nos séculos XIX e XX. As Academia de Belas Artes*, Casal de Cambra, Caleidoscópio, 2016, pp. 475-488.

- ²⁶ BACL, Cx. 12.92.4/20. *Catálogo da Galeria de P. Mayne que se há de arrematar em hasta pública perante o conselho de administração da Academia Real das Sciencias de Lisboa no dia 27 e se-guintes do corrente mês de Novembro as 11 horas. Entrada pela Rua do Arco a Jesus.*
- ²⁷ BACL, PT/ACL/AH/Museu. *Arrematação dos quadros da Galeria Maynense*, Relatório de 1 de agosto de 1867. O mesmo relatório refere ainda a existência de 28 quadros retirados do leilão, que seriam postos a venda posteriormente.
- ²⁸ Veritas Art Auctioner, Leilão 101 de outubro 2020. Lote 556. Cabral Moncada Leilões, Leilão 192 de fevereiro 2018. Lote 94.
- ²⁹ De acordo com Nuno Saldanha Rocha fez duas versões desta pintura. uma delas assinada e outra datada, sendo uma a guarda do FRESS enquanto outra foi vendida pela Sotheby's Old Master Painting, Londres, 8 Dez 2005, lote 352. Sobre a atividade de Rocha no âmbito da pintura de paisagem, marinhas, natureza mortas e incêndios, *vide* SALDANHA, Nuno – Joaquim Manuel da Rocha – A Pintura da capela-mor na igreja de S. Paulo de Salvaterra de Magos in *Magos: Revista Cultural do Concelho de Salvaterra de Magos*, n.º III, 2016, pp. 143-165: 156.
- ³⁰ Cabral Moncada Leilões, Leilão 189 de setembro 2017. Lote 125. A pintura foi vendida por 11.000€. <https://www.cml.pt/leiloes/2017/189-leilao/1-sessao/125/incendio-da-fragata-graca-divina---sao-joao-baptista> (2023-11-05). Poderá tratar-se de outra replica do mesmo sujeito ou do mesmo quadro já vendido pela Sotheby's em 2005.
- ³¹ MNAA, Inv. 1671 Pint.
- ³² <http://raiz.museusemonumentos.pt/DetalhesObra?id=250968&tipo=MOV> (2024-07-01).